



**Resenha: MCEWAN, Ian. *A barata*. Trad. Jorio Dauster.
São Paulo: Companhia das Letras, 2020.**

Review: MCEWAN, Ian. *A barata*. Trad. Jorio Dauster. São Paulo:
Companhia das Letras, 2020.

Sergio Schargel  0000-0001-5392-693X  0215890727285473
Universidade de São Paulo (USP)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

A sátira tem, em sua própria essência, a práxis de trabalhar sobre o absurdo. Através do real da ficção, tende ao exagero em sua maior potência na tentativa constante de atacar o nosso real. Por essa característica, talvez seja um dos formatos mais políticos que a literatura pode assumir. Pois, desde *As viagens de Gulliver*, a sátira toma o absurdo como método para criticar a política do real. O novo livro de Ian McEwan, *A barata*, é herdeiro direto dessa tradição. Bem como o é de uma nova tradição: o *Brexit*, subgênero de literatura política que surge, como o nome indica, na onda do *Brexit*.

Em um pastiche de *A metamorfose*, McEwan lança mão de um humor a tal ponto sarcástico que beira o grosseiro, em uma situação absurda em si – o parlamentarismo britânico dominado por baratas que propõem uma inversão econômica estratosférica que transforma consumo em trabalho –, como referência clara a uma situação absurda do real: o ressurgimento do nacionalismo britânico em seu maior expoente, com o *Brexit*. A inverossimilhança da obra de McEwan é sua maior força. Através de um exagero que beira

a alucinação, o leitor questiona até que ponto o real, com o crescimento de um nacionalismo em níveis inéditos desde 1945, é tão mais crível do que a ficção que propositalmente o distorce. Pois, como diz McEwan (2020, p. 102) ao encerrar o seu posfácio, “se a razão não abrir os olhos e prevalecer, então talvez só nos reste o riso”.

À primeira vista já se torna óbvia a homenagem a Kafka. O início é o mesmo, porém em situação inversa. Pois se em *A metamorfose* Gregor Samsa vê-se transformado em um inseto asqueroso, em *A barata* uma barata vê-se transformada no mais asqueroso dos animais: o primeiro-ministro britânico. Ou, como começa McEwan (2020, p. 11), “Naquela manhã, Jim Sams, inteligente mas de forma alguma profundo, acordou de um sonho inquieto e se viu transformado numa criatura gigantesca”. A escolha foi proposital, como diz McEwan (2020, p. 101) no posfácio: “Com o Brexit, alguma coisa medonha e estranha se infiltrou no espírito de nossa política, e por isso achei razoável invocar uma barata, o mais desprezível dos seres vivos”.

A situação em si é kafkiana: as baratas humanas destilam os maiores descabros possíveis, e são aplaudidas. Sem nenhuma razão aparente, decidem implantar o Reversalismo, doutrina político-econômica que inverte a base da economia, torna trabalho consumo, e consumo trabalho. Isto é, as pessoas passam a ser pagas para consumir, e pagam para trabalhar. Dado o consumo ser peça fulcral das sociedades contemporâneas, nada mais natural – e cínico – do que elevá-lo ao centro econômico. Mas por mais disparatado que possa soar, através de intensa propaganda, o primeiro-ministro e seu gabinete consegue convencer a população de que, afinal, o Reversalismo irá movimentar a economia. Naturalmente, o Reversalismo provoca desconforto nas relações exteriores, e o Reino Unido se isola no cenário geopolítico – por mais que os Estados Unidos olhem a ideia com curiosidade.

Pois resta, como McEwan diz, o riso. O *Brexit* é ele próprio tão fantástico, tão inimaginável, bem como o é a recessão democrática global, em seu décimo quinto ano consecutivo (REPUGGI; SLIPOWITZ, 2021), que a criatividade do real supera a sátira. Postos lado a lado, a estética de uma democracia do real que se fragiliza a se autodestrói supera em estética a sua contraparte ficcional. E, para isso, se apropria do humor. Em uma escrita explicitamente melancólica, aparece um humor sarcástico que beira o escárnio. Como quando diz, na abertura, que “qualquer semelhança com baratas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência” (MCEWAN, 2020, p. 07).

A barata não falha em lembrar outra obra satírica, *Ele está de volta*, de Timur Vermes, que traz Hitler em pessoa – não um ator, não um imitador – de volta à vida. A sátira de Vermes em muito se aproxima da de McEwan: ataca, através da fronteira frágil de humor-horror da literatura política, a ascensão de novos-velhos nacionalismos autoritários que, mesmo se afirmassem desejo por reabrir *Auschwitz*, ainda seriam tomados levemente

através do oxímoro “conservadores populistas”¹. É claro que um novo Hitler não seria exatamente a mesma figura – na verdade, como sugere Robert Paxton (1998), possivelmente tentaria se afastar –, por mais próximo que fosse. Assim como a obra de McEwan, *Ele está de volta* também é kafkiano: mostra uma situação tão ridícula – com Hitler sendo tomado por um ator excelente por não quebrar seu papel – que, dentro de sua inverossimilhança, reside uma perfeita, por mais paradoxal que isso possa soar, mimese. Para além da sátira e do humor perfurante, mesmo a abertura é muito próxima, conforme Vermes traz que

todos os eventos, personagens e diálogos neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas e/ou suas reações, ou com empresas, organizações etc. são mera coincidência, pois em circunstâncias similares da realidade não é possível excluir totalmente outros procedimentos e comportamentos das personagens. O autor considera importante reforçar que Sigmar Gabriel [político do SPD e ex-vice-chanceler] e Renate Künast [político do Partido Verde alemão] na verdade não conversaram com Adolf Hitler (VERMES, 2014, p. 05).

Como no real, na ficção o país também se divide. Ainda que não seja correto ou lógico falar em polarização, pela própria noção de que polarização pressupõe uma disputa entre dois lados equivalentes (REIS; SCHARGEL, 2021), o Reversalismo intensifica os ânimos políticos e a retira do campo de análise racional. A política passa a se tornar um grande jogo de ganhar ou perder, maniqueísta, sobre os destroços dos ideais agonísticos que pressupõe o direito do adversário a ideias opostas (MOUFFE, 2003). Sob a maquiagem do Reversalismo, revelam-se autoritarismos dormentes que, como percebeu o grupo de pesquisa liderado por Theodor Adorno (1964) em *Estudos sobre a personalidade autoritária*, se manifestam conforme o sinal dos tempos. Essas parcelas mais radicais, como de praxe, passam a se classificar sob rótulos, em particular o prefixo “ultra” que, na prática, não faz mais do que atuar como nome orwelliano para denotar autoritarismo. Já os que pautam pela continuidade da estrutura econômica tradicional, passam a ser classificados como “continuistas” (MCEWAN, 2020, p. 24).

De origens obscuras, dividindo o debate público sobre intelectuais, acadêmicos e jornalistas, o Reversalismo não era mais do que uma piada. Mas, como a História e a história mostram, o perigo se inicia quando em algum momento alguém decide levar a piada a sério. E há sempre alguém disposto para tal. Começou a ser aceita a alguns, passou como “algo

¹ Na própria tradição conservadora burkeana, do conservadorismo como um fenômeno elitista e aristocrático de manutenção do *status quo*, entende-se por que um conservadorismo populista é impossível (BURKE, 1982). Um movimento de massas pautado em preceitos tradicionalistas e retorno a um passado idealizado tem outro nome: fascismo. Ou, no mínimo, reacionarismo.

bonito e simples” (MCEWAN, 2020, p. 33). O Reversalismo assume, em si mesmo, um caráter catártico. Um formato preciso para purificar a nação de seus vícios, de seus “desperdícios e injustiças” (MCEWAN, 2020, p. 33). A solução para todas as complexas questões econômicas, políticas e sociais, tão simples, tão ao alcance, bastando a disposição à inversão.

Como o nacionalismo em nosso real, o Reversalismo em *A barata* caiu em descrédito após a Segunda Guerra, com exceção de pequenos grupos de extrema-direita como *think-tanks* obscuros. O que se altera com o Partido Reversalista, fundado nos princípios de uma ideia que, ao contrário do que se julgava, não havia morrido em 1945. Uma relevância que começa a receber olhares aprazíveis do Partido Conservador que, assim como sua contraparte no real, volve à direita e absorve parcelas dos reversalistas. Simultaneamente, o presidente estadunidense demonstra interesse na nova doutrina (MCEWAN, 2020, p. 35). Assim como o foi com o nacionalismo, parte da esquerda tradicional ou foi cooptada por esta ideia, ou foi conivente ao enxergá-la como menor dos males: “Quando os eleitores do Partido Trabalhista, muitos dos quais membros da classe operária, entenderam quanto poderiam ganhar pondo um filho no Eton College [...] começaram a elevar o nível de suas aspirações e se bandear para a nova causa” (MCEWAN, 2020, p. 36). Novamente como no real, um referendo lançado irresponsavelmente com viés eleitoral pelo Partido Conservador, na tentativa de agradar as parcelas reversalistas que haviam migrado para o partido, terminou com a surpreendente vitória a favor do Reversalismo (MCEWAN, 2020, p. 36).

Se a União Europeia, no real, foi tomada como bode expiatório para tudo que havia de errado no Reino Unido – não tão distinto do que ocorreu em outras nações, com bodes expiatórios distintos: o comunista, o árabe, o homossexual, o nacionalismo autoritário precisa de um culpado pela degeneração, não importa quem for o inimigo da vez –, na ficção a culpada foi a estrutura econômica tradicional:

Num golpe brilhante, a imprensa reversalista conseguiu apresentar a causa deles como um dever patriótico, uma promessa de renascimento e purificação nacionais: tudo o que estava errado no país, inclusive desigualdades de renda e de oportunidade, a divisão norte-sul e os salários estagnados, era causado pela direção do fluxo financeiro. Se você amasse seu país e seu povo, devia derrubar a ordem constituída. O velho fluxo só servira aos interesses de uma elite governante desdenhosa (MCEWAN, 2020, p. 36-37).

Naturalmente, o Reversalismo é insustentável apenas em plano nacional: é preciso que a loucura seja adotada globalmente. Pois, como sugere McEwan (2020, p. 37), os alemães certamente ficariam satisfeitos em receber o dinheiro britânico junto de seus

produtos, mas não agiriam da mesma forma. Isso, como era de esperar, gera um impasse entre o povo e o Parlamento, incapaz de se curvar totalmente às demandas dos representados. Aumenta a distância entre representante e representado, conforme o Reino Unido começa uma campanha para que o mundo inteiro absorva o Reversalismo (MCEWAN, 2020, p. 38). O Reversalismo, porém, não caminha sozinho: começam a se espalhar tendências autoritárias pela população, fragilizando a cultura política democrática (MCEWAN, 2020, p. 39).

Mas eis a grande mágica do Reversalismo, ou do Brexit, como mostra McEwan (2020, p. 101): o nacionalismo populista² é explicitamente contraditório. Bem como no restante do mundo, no Brasil inclusive, o grupo que promove um discurso contra uma elite invisível que supostamente degenera a nação é, ironicamente, ele próprio uma elite. No posfácio, McEwan (2020, p. 101) lembra que o primeiro-ministro e seu séquito, que diz falar em função do povo, é formado em Eton College, dono de jornais, milionário. Uma elite que, ironicamente, se coloca contra a suposta elite.

Como transparece, as parábolas são claras: McEwan não faz qualquer esforço para esconder o seu propósito. De certa forma, isso enfraquece o texto em alguns aspectos. O torna excessivamente dado, sem qualquer pretensão de tornar a crítica mais sutil como é o caso, por exemplo, com *Gulliver*. Tampouco tem a força do humor de Vermes em *Ele está de volta*, que, ainda que seja tão óbvio quanto McEwan, ao menos propõe um debate mais amplo e profundo sobre a questão política. Todavia, se há deméritos, os méritos também são muitos. *A barata* é um livro necessário, um panfleto político antinacionalista no formato de sátira. E boas sátiras são essenciais para o entendimento da política, basta lembrar de Swift, uma vez mais, sugerindo que devorar recém-nascidos seria a melhor alternativa para terminar a opressão inglesa sobre a Irlanda, em *Uma modesta proposta*. Em outras palavras, os méritos de *A barata* são mais políticos do que literários: peça essencial para compreender a política, mas frágil para entender a ficção.

A barata não é o melhor livro de McEwan. *Reparação*, no literário e estético, ainda é sua obra insuperável. Mas talvez seja sua obra mais interessante a partir do ponto político, ao menos explicitamente político. Se ao final de *A revolução dos bichos* o leitor não é mais

² Por uma questão de foco e escopo, não vale adentrar nesse espaço o debate espinhoso sobre o conceito de populismo. A saber, o conceito é tomado aqui na interpretação de Ernesto Laclau (2005, p. 69), que o assume como uma ferramenta política inerente à política de massas contemporânea e, ao contrário do que se dissemina, não necessariamente prejudicial a esta. Como conceito, o populismo é frouxo e insuficiente para entender a política, já que abrange características que são encontradas em outros conceitos como fascismo. Todavia, pode ser resumido como um discurso ou ação de massas e antielitista, em função de um suposto povo verdadeiro. O nacionalismo é chave explicativa mais interessante para o Brexit, entretanto, o conceito de populismo não é de todo descartável, contudo seja usado com precaução e associado a outros. Inclusive, como a recessão democrática global vem evidenciando, é um conceito que se acopla a outros como nacionalismo, autoritarismo, reacionarismo e fascismo, não sendo excludente destes.

capaz de distinguir os homens dos porcos, ao final de *A barata* o leitor olha à ascensão de novos-velhos nacionalismos de matriz autoritária e pensa, afinal, que talvez a inverossimilhança absurda do Parlamento ser controlado por baratas travestidas de humanos não seja tão inverossímil assim.

Referências

ADORNO, Theodor *et al.* *The authoritarian personality*. New York: Science Editions, 1964.

BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a Revolução em França*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

KAFKA, Franz. *A metamorfose*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LACLAU, Ernesto. *On populist reason*. Londres: Verso, 2005.

MCEWAN, Ian. *Reparação*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MOUFFE, Chantal. Democracia, cidadania e a questão do pluralismo. *Política & Sociedade*, n. 03, outubro de 2003.

ORWELL, George. *A revolução dos bichos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PAXTON, Robert. The five stages of fascism. *The Journal of Modern History*. Chicago: Chicago University Press, v. 70, n. 01, 1998, p. 01-23. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/235001>. Acesso em: 06 nov. 2021.

REPUCCI, Sarah. Freedom in the world 2021: democracy under siege. *Freedom House*. Disponível em: <https://freedomhouse.org/report/freedom-world/2021/democracy-under-siege>. Acesso em 05 dez. 2021.

REIS, Guilherme; SCHARGEL, Sergio. Não há nada mais democrático do que a polarização. *Nexo*, 30 mai. 2021. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2021/N%C3%A3o-h%C3%A1-nada-mais-democr%C3%A1tico-do-que-a-polariza%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em 01 dez. 2021.

SWIFT, Jonathan. *As viagens de Gulliver*. São Paulo: Editora Sol, 2006.

SWIFT, Jonathan. *Uma modesta proposta e outros textos satíricos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

VERMES, Timur. *Ele está de volta*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2014.

SERGIO SCHARGEL

Doutorando em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) e doutorando em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Letras pela PUC-Rio, mestre em Ciência Política pela Unirio. Bolsista CAPES. Venceu o Prêmio Abralic de melhor dissertação do biênio 2020-2021. Sua pesquisa e produção artística são focadas na relação entre literatura e política, tangenciando temas como teoria política, literatura política, desumanização, antissemitismo e a obra de Sylvia Serafim Thibau. Participa do grupo de pesquisa Centro de Análise de Instituições, Políticas e Reflexões da América, da África e da Ásia – CAIPORA.

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/0215890727285473>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-5392-693X>

E-mail: sergioschargel_maia@hotmail.com / sergioschargel@gmail.com